

A Lagrima

Numero *10*

Redacção: Barjona de Freitas

QUINZENARIO ILLUSTRADO

Trabalho, Character e Bondade!...

O homem, que, na lucta pela existencia, tem a nobilitação este selectissimo cortejo de qualidades, realisa, por sem duvida, um bello exemplar de cidadão.

E chega a ser um grande ensinamento, quando—a despeito dos perniciosos vicios, de que enferma o meio em que nasce, se educa e cresce—sabe manter-se, inacessivel á alienação de qualquer parcella, sequer, de tão extremadas virtudes.

Quem attinge tão levantado nivel moral—podra angular, sobre que deve assentar o exercicio da actividade humana, sejam quaes forem os ramos, por que ella se divida—e caminha, intrepido e resolutu, a travez todas as vicissitudes e contrariedades da vida, aconchegado sempre, como que em fraternal amplexo, a tão formidaveis alavancas, tem indisputavel direito a um especialissimo logar nas homenagens e respeito sociaes.



Antonio d'Oliveira Mattos estava, natural o impreterivelmente, indicado.

Foi em Creixomil, freguezia d'este concelho, que elle teve o seu berço, que bem podiamos dizer engrinaldado pelas camelias e perfumado pelos laranjaes, que lhe vestem as pittorescas encostas.

Filho de modestos lavradôres, despediu-se da sua terra querida, contando apenas 11 annos.

Inaugurou, cedo, a lucta pela vida e, a breve trecho, bem devia comprehender quanto eram phantasticos e optimistas os seus sonhos de creança!...

Veio para Barcellos, entrando desde logo, como empregado, para o Café do fallecido Ferreira—um velho devêras sympathico e um portuguez authenticu.

Conservo, ainda, bem nitida a impressão dos seus traços physionomicos e da agudeza do seu espirito scintillante.

Boas tempos, em que o auctor d'estas linhas—mal sabendo distinguir uma colchea de uma seminaima—já se embrenhava em discussões acaloradas com o

sempre lembrado Cunha sobre litteratices musicas, tendo, não raro, de bater em retirada, ante a finissima troça—seguida sempre do applauso do riso, que é a peor das pateadas—d'aquelle sauto homem—o «Antonio do Botequin», como todos lhe chamavam.

Ora, em tão boa e paternal companhia, o Mattos havia de dar homem, e deu.

Activo, trabalhador e honesto, não se fizeram mister muitos annos para conquistar a administração e gerencia d'aquelle acreditado estabelecimento, que o seu proprietario auctava por

Feito, a desmaiadas côres, o quadro, textemos esboçar o perfil do consagrado de hoje; mas a traços ligeiros, para aproveitarmos uma moldura, ejas dimensões seriam demasiadamente pequenas para uma copia em tamanho natural.

Desde que «A Lagrima» resolveu apresentar, em luminosa galeria, os barcellenses, que se impoem pela sua nobresa de sentimentos e serviços á causa da humanidade, o nome de José

A LAGRIMA

entregar-lhe, attenta a sua idade e padecimentos; e, do modo como elle se houve depois, é testemunho eloquente a disposição de ultima vontade do seu antigo patrão.

De trato affavel, provincianamente sincero e simples, servical até ás mais duras provas, todos—pequenos e grandes—se abeiraram d'elle e lhe frequentam o Café, n'uns transportes de sympathia e amizade, não vulgares.

Não tem um unico inimigo este homem, e nada existe ali de bom e util, a que elle não tenha ligado o seu prestigioso nome.

Ainda ha poucos dias, sacrificou uma das suas propriedades ao patrimonio de um nosso patricio, que, não levará muito, será um distincto ornamento dos ministros do Altar.

Na familia, é um modelo de virtudes domesticas; como amigo, junais deixou de cumprir, religiosamente, os deveres d'esse precioso sentimento:—é um testemunho vivo de dedicação e lealdade.

Finalmente, José Antonio d'Oliveira Mattos é a personificação authentica d'esta sublime trindade de virtudes:—*trabalho, character e bondade!*...

*
* * *

Mattos am.º:

Fui surprehendel-o na sua modestia; mas, francamente—resistindo ás obrigantes sollicitações do intelligente director d'«A Lagrima»—perderia um magnifico ensejo de reunir em documento uma pequena parte do patrimonio moral, que constituirá a melhor fortuna de seus queridos filhos, e de lhe dar—sem floreios de estylo e nos desmaios de uma prosa, que só tem a recommendal-a muita verdade e sinceridade—um publico testemunho da minha admiração pela excellencia das suas qualidades.

E tenho, n'esta boa terra—que o conhece bem e o sabe apreciar devidamente—muito quem me acompanhe.

O Mattos—posta de parte a modestia—sabe bem que não exagero.

D. Carreira.

CAMARA SOCIALISTA

Levaram a effeito os socialistas de Barcellos e seu concelho a grande reunião para n'ella apresentarem a chapa da sua camara.

Muito antes da hora designada para isso já se via grande numero d'elles no amplo salão do palacio das Torres.

Cá fóra, no largo, era um gosto vêr um magote de operarios a divertir-se no jogo da bola, do fito, do pião, da bilharda, do rapa e outros não prohibidos por lei.

Seriam dez horas da manhã de quinta-feira, ultima, quando se descobriha—o sr. Manuel

Gallego, honrado companheiro nas lições avanças, acompanhado pelos srs. Serra Macaca, redactor da «Voz do Socialista» e João Lilaia, importante propugna-lor da causa do nivelamento social.

la, pois, dar-se começo á discussão.

Quando o sr. Manuel Gallego, em mangas de camisa, para mostrar a franqueza luzitana, se sentou na meza de presidencia, os hurrahs e os bravos estrepitaram nos ambitos do palacio.

Um artista vestindo a blusa da officina dos Barrosos, o Chipara, tocava pífre, e um eleito da confraria de S. Martinho, timbales, e ainda um outro, com uma opa das Almas ao tiracolo, exhibia sons admiraveis n'uma flauta d'uma só chave.

Estabelecido o silencio, que tal caso requeria, no que prestou grandes serviços o Joaquim Caganeta, con luziu este uma celha de prata á meza do presidente, para os oradores, dando-se principio aos discursos.

O sr. Manuel Gallego diz que vac apresentar a chapa que organisaram os seus companheiros, para o proximo suffragio eleitoral. To los não dá, na melilla das suas forças, mostrar quanto valem; está certo d'isso.

Lê:

Presidente, Manuel Gallego (expostos); Vice-presidente, João Lilaia (cemiterio e incendios); Serra Macaca (praça, feira, matadouro e talhos); Zé da Mãe (aguas); Antonio Motta (jardim e arvoredos); Domingos Créquinha (illuminação e obras); José Lisboa (carros e vehiculos); João das Botas (limpeza); José Verge-lim (fiscalisação rural).

Mil bravos e palmas foram ouvidos, em seguida á leitura, sen lo, por essa occasião, queimado bastante fogo preso e do ar.

Meus senhores, diz o sr. presidente, peço sangue frio e talento e vontade. A vontade temol-a, e sangue frio mostramol-o na serenidade das nossas physionomias, o talento, esse paira por sobre as nossas cabeças. (Uma voz: Muito bem!) Economia e progresso, eis a nossa divisa. E passo a conceder a palavra a quem a requisitar em papel sellado.

Como ninguem quizesse aproveitar-se d'ella, por causa d'aquelle requisito, o sr. presidente aboliu a lei que proclamára.

Pelira, pois, a palavra o sr. Lilaia, artista assobiadôr. Não tem duvida em accellar o pe-louro, para que o apontam, apesar de se não casar com o seu genio alegre aquillo que cheira a mortos; e a respeito de incendios inten-le que auxilio pôde dal-o no momento que os haja, mas só no carretio da agua. No cemiterio, então sim, gostará de prestar serviços, de semear n'elle, entre os covaes, rosmaninho e

A LAGRIMA

herva de cheiro, bem-me-queres e mal-me-queres.

A seguir, o sr. Serra Macaca, de pé sobre a meza da presidência, pediu contribuições sobre a feira. (Muitas vozes: Isso é odioso.)

Bem o sei, diz o orador, mas conforme o interpretam maus economistas. Eu acho que não se lesará o portuguez obrigando só os gallegos, contrabandistas, a pagar, no mercado, uma libra por caveira.

O sr. presidente entendeu que o discursalôr lhe chamara *gallego* e com *g* pequeno, e disse, sem mais explicações do sr. Serra Macaca, que não se envergonhava do seu sobrenome e, a proposito, fallou de homens celebres, que os tiveram piores. Assim:

Decio Junio Bruto, consul romano; Afranio Burro, aio do imperador Nero; Diogo Cão, cavalleiro da casa do infante D. Henrique; D. Alonso Fajardo, p. nipotenciario hespanhol enviado por Carlos V para fazer convenção sobre a questão da villa de Moura; D. Luiz Ladrão, antigo poeta hespanhol; D. Fernando Furta-lo, filaligo hereditario; André Cavallo, escriptor portuguez; Estevam Cavalleiro, celebre grammatico dos tempos d'el-rei D. Manuel; D. Raphael Maroto, general hespanhol e o representante dos carlistas na convenção de Bergára, a 31 d'agosto de 1833; Pina Callado, actualmente governador civil do Porto e Lobo Barriga, general portuguez do seculo XV.

O sr. Serra Macaca deu satisfações ao sr. presidente com um abraço arrocaño. Depois continua, intente que a carne de vacca ou de boi, de porco ou de porca, pode ser fornecida com vantagem, ao publico, sendo vendida pelo zelador Dias e estando ao repezo os Carvalhos. (Bravos!) As regateiras, por cauza da influencia das suas saias, passarão a sr regatões. (O orador foi cumprimentado pelos seus numerosos amigos.)

O sr. Zé da Mãe, sem se importar com aguas, porque o rio nunca secca, quer vêr realisa-la a procissão de *Corpus Chisti* com as tradicionais *gigantas*, tamborileiros, carro das hervas e o respectivo boi-bento.

O Antonio Morta: Sou muzico. Tomarei as medidas necessarias afim de, no coreto do jardim publico, se fazer ouvir, todos os domingos e dias santos, o zela-lor Bernardo, com as melodias do seu realejo. Farei na ala central d'esse passeio publico um plantio de arcipestes.

Troco nos seus logares o jardineiro pelo cozeiro, com duas libras de volta. No meio do lago mandarei pintar, na chocolateira do centro a figura da Art, tendo, na mão direita as armas de S. Francisco.

Tenho dito. *Terrabian já sé pra lé tramhu-lho*. P. S. Bancos para recreio publico vão

ser augmentados com os tubos tirados ultimamente da encanação da agua publica, que servem bem para isso.

O sr. Crequinha não é massador e diz pre-emptoriamente que vae acabar com a iluminação publica—como medida economica—fornecendo a cada municipe um lampião de azeite.

O sr. João das Botas, quanto a limpeza, confia a a uma porção de porcos e gallinhas, que, por conta do cofre do municipio, serão compradas, para livremente e economicamente a fazerem as ruas publicas.

O sr. José Lisboa não consentirá que carros e vehiculos mal seguros e cocheiros sem carta, transitem nos macadans das estradas municipaes e reaes. Todos, naquellas condições, poderão fazel-o sómente nos ca-ninhos velhos.

O sr. Vergelim, vem dos bancos da Universidade. E' novo. Deaixo da toga tem uma coisa que vae mostrar, que é pesada e comprida, para metter na ordem os cantoneiros. Meus senhores ella cá está. (Grande alvoroço, todos querem vêr a cousa do Vergelim; os mais pequenos trepam ao carrachucho dos grandes. O sr. Vergelim mostra o que tem d'baixo da toga:—é uma enormissima móca de soveiro.) E continua. Vae tratar de estabelecer banhos publicos, de chuva. E oferece os seus serviços de lazeiro.

O sr. Manuel Gallego.

Meus amigos Deveis estar fatigados. E' avançada a hora; termino já. N'outra sessão nos alargaremos mais. A respeito de expostos de que me cumpre tratar, duas palavras:

Criança abandonada exposta, será recolhida ao hospicio, com a condição de, quando chegar ao uso da falla, declarar quem foram os malvados pais que a repalharam. (Continua)

Em Penafiel enton raram-se ha semanas, por um accaso feliz, alguns barcellenses, um dos quaes, devido a p. d'ecimento, de estomago, necessitou comprar aguas medicinaes.

Dirigiu-se a um restaurante, para esse fim, e pediu ao seu proprietario uma garrafa das de Vidago; como não as tivesse, perguntou se vendia das de Bem saude.

O homem, porem, para o mal teve um remedio.

—«Ora o sr. deixe-se d'essas aguas, beba antes aguardente.»

Diante d'isto o nosso patricio resolveu dirigir-se a fonte limpa e segura.

—«O sr. diz-me aonde ha aqui uma pharmacia?»

—«Não ha. Não as conheço mesmo...»

—«E não na cidade não ha uma botica ao menos?...»

—«Credol! Cruzes! Pois não havia de haver? Já ali adiante ha duas.»

A LAGRIMA

Era o que faltava; isto aqui não é nenhum Paio Pires!»

Ao sr. João da Rocha lembramos a facil maneira de poder descobrir o seu notavel contendor—Victor Ino—o qual, profundamente ineognito, se esconde no manto do mysterio.

Consulte o «medium» das suas «Memorias», que muito gentilmente—porque os espiritos na sua generalidade são assaz delicados—lhe deseneapotará o seu—d'elle é claro—adversario tão mystico quanto sigilioso.

Ora pois. A gente ás vezes tem boas lembranças.

Segundo uma theoria de Machiavel=todos os meios são accetaveis visao lo um fim util!

Ora o illustre florentino, tinha á sua disposição, para fazer valer as suas doutrinas politicas, e as suas conveniencias particulares, um regimento de *braves* e *condottiers* que apunhalava na sombra e saqueava na campina.

Não se dirá, porem, que a theoria de Machiavel não foi unversalmente professa, antes pelo contrario, pois que factos d'um alcance e interesse proprios nol'o demonstram claramente.

Citeiros.

Ha dias, n'esta villa, appareceu um Bernardo qualquer, que, além do muito vinho de que era fiel portador, tinha dinheiro e... cegas de batotear.

Contra o costume, surgiram d'um canto alguns *loinhos* que, em lobrega e terrifica mansarda, lhe *armuram a força* enquanto o diabo esfrega um olho.

Mas, como *ellas* accudissem ao vinho, segundo a louvavel giria dos obreiros incansaveis no edificio de moralidade social, o que certo é que o tal Bernardo lhes limpou a *massa*.

Reuniram, então, depenalos em conciliabulo secreto, tomando deliberações de accordo com as theorias de Machiavel,—isto é, desataram á pancada ao *pub* do Bernardo extorquindo-lhe todo o dinheiro perdido momentos antes.

E ha quem diga que o nosso povo não tem illustração.

Até o Nunes diz—oh!!

NOTAS DA QUINZENA

O que retumbou com voz cheia e pesada na serenidade da pacata e batoteira villa de Barcellos, n'esta quinzena, foi aquillo do novo administrador declarar que as futuras eleições haviam de se vencer á força.

S. ex.^a não declarou que qualidade de força era ella.

¿A força physica propria de s. ex.^a?

¿A força do direito e da razão?

¿A força das armas?

To-las estas forças são fracas.

Principiando por s. ex.^a que ficaria vencido pelo Rozendo...

Avançando á Razão que não é ouvida, ou ao Direito que não é acata lo...

Passando á força das armas que o trabalho a intelligencia destroa...

Portanto... a *força* de s. ex.^a foi simplesmente força de expressão.

O quino está hoje fazendo as delicias do barcellense noctvago.

E' o nosso chá, o nosso café, a nossa cerveja, o nosso licór...

No Matos, nos Bombeiros, no Paulo, uma sociedade especial se entrega a essa jogatina, com um deitro que faz pasmar como «ha falta de cobre... para rocos do commercio», afirmou o *regenerador*.

Selvagem!

Não é só o conde de Santa Maria a querer chavenas com as azas voltadas para o lado direito; ha *mais e me hor*.

Eita d'estas noites um patusco — sabendo que na typographia Barcellense se fazem cartões de visita a 200 réis o cento — quiz impressos cem, brancos, mas pelo lado das costas!

Almanach Luzo-Africano para 1899

Supponha-se um grosso vol. de 574 pag., bom papel, impressão cuidada, disposição de assumptos methodica e artistica, larga copia de informações, coisas de actualidade, Sciencias, letras e artes, tu tonitudo e em profusão, e ter-se-á uma leve idia do que é aquelle almanach, de que os srs. *Guillard, Aillaud & C^a*, de Lisboa, tiveram a gentileza de offerecer-nos um exemplar.

Almanach Auxiliar

Foi-nos offerecido um exemplar pelo proprietario da typographia Auxiliar d'Escriptorio de Coimbra.

Custa 100 réis ca la exemplar. Importante para indicações diarias, tendo destinado a isso, divididos, 355 espaços em branco. Vendem-se a 100 réis ca la um na typographia Barcellense. Ha-os proprios para estudantes, padres, empregalos no commercio, commerciantes, donas de casa crianças etc. Tão portateis que podem trazer-se no bolso, dentro da carteira.